

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**A CRIANÇA EM BUSCA DE SUA EMANCIPAÇÃO, NA OBRA
'SEIS VEZES LUCAS' DE LYGIA BOJUNGA**

Maria Aparecida M. Paiva Dias



2001
95414
Ex 1
C 6634

Pontes e Lacerda- MT, Dezembro de 2001

**A CRIANÇA EM BUSCA DE SUA EMANCIPAÇÃO, NA OBRA
'SEIS VEZES LUCAS' DE LYGIA BOJUNGA**

Maria Aparecida M. Paiva Dias

**Ensaio Monográfico para a graduação do curso de
Licenciatura Plena em Letras, Licenciatura em
Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas.
Orientadora: Ediliane Gonçalves**

Pontes e Lacerda, MT, Dezembro de 2001

*Dedico, às pessoas mais importantes da minha vida,
Marinho, Veridiana e Felipe, sem o apoio deles não
conseguiria concretizar este trabalho.*

Agradeço, a Deus por me permitir seguir em frente nesta caminhada;
Ao meu marido, pelo incentivo e compreensão nos momentos de ausência;
Aos meus filhos queridos, razão de toda esta luta;
Aos meus pais e minha avó Dete, pelas orações;
A Marisa, Dani, Cris, Lena, Maria, pela torcida;
A todos os meus colegas, especialmente a Semilda, Cida k, Sudária,
Galcina, por nossos trabalhos em grupo, valeu!
A Ediliane pelo apoio, e a todos os professores que tivemos durante todos
estes anos;
Aos meus irmãos, sobrinhos, tios e cunhados, enfim, a todos aqueles que
direta ou indiretamente contribuíram para que eu alcançasse este objetivo.

Não gosto de falar da infância. É um tempo de coisas boas mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope, e nem mesmo eu, ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas tempo bom de verdade só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto... deitar no chão e imaginar estórias, poemas, romances botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas.

(GUIMARÃES ROSA)

SUMÁRIO

Apresentação	07
Um passeio pela história	10
Lygia Bojunga criando e recriando, emoção	14
I- Infância, ontem, hoje e sempre	17
II- Realidade e fantasia se completam	19
III- A criança e seus medos	20
IV- Brincadeira é coisa séria	23
V- A criança quer um lar... ..	25
VI- A criança em busca de si mesma	27
VII- Quando os pais se separam	28
VIII- A criança quer libertar-se	29
Considerações finais	32
Bibliografia	33

APRESENTAÇÃO

Dentre todas as formas de arte, podemos destacar que a literatura sempre esteve entre as mais populares, prestigiadas e também polêmicas. Imaginar nossa vida, sem as artes e sobre tudo sem a literatura é o mesmo que viver em um mundo sem a luz, as cores e o ar, ou seja, impossível. Antonio Candido (1995: 242) enfatiza, (...) *a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.*

A literatura também se destaca por nos permitir vivenciar nossas fantasias e a refletir sobre vários aspectos relevantes da condição humana. No entanto, a Literatura Infantil, talvez seja um dos gêneros mais polêmicos desde seu surgimento no século XVII.

Ao longo dos anos a Literatura Infantil vem passando por mudanças, na tentativa de adequar-se a cada tempo, como afirma Regina Zilberman (1982: 38). *A literatura infantil apresenta um tipo de evolução histórica determinada pelas modificações que sofreram as concepções, respectivamente, da infância e do tratamento (pedagógico) desta faixa da existência.*

Na atualidade temos vários autores que se destacam neste gênero de literatura. Estes acreditam que a literatura é uma só, não necessitando desta maneira, de nenhum tipo de rótulo, que muitas vezes visa apenas qualificar suas obras como sendo de um gênero menor. No Brasil, o precursor deste gênero literário foi Monteiro Lobato. Na atualidade, dentre vários nomes que se destacam, temos o de Lygia Bojunga Nunes. Desde suas primeiras publicações a autora tem sido elogiada, e a cada obra editada, seu prestígio entre os críticos vem se solidificando. Bojunga rompeu *tabus* ao tratar de vários temas, até então, proibidos em uma literatura voltada para o público infantil. Para Laura Sandroni (1987: 62), a obra de Lygia Bojunga, tematiza os problemas da sociedade contemporânea, seja no aspecto das relações humanas, seja nas implicações psicológicas de que a criança é vítima.

Conhecer melhor este gênero literário, bem como o universo infantil e uma das autoras mais comentadas nos últimos anos que é Lygia Bojunga, será o objeto de estudo deste ensaio monográfico. Para melhor fundamentar este trabalho foram feitas várias pesquisas, bem como, leituras de diferentes autores e críticos sobre o tema. Conhecer as teorias de Piaget,

Vygotsky e Freud, sobre as fases do desenvolvimento da criança tornou-se necessário para melhor sustentação deste ensaio.

Para Marisa Lajolo (2001: 230), a infância sempre foi um tema discutido de fora, a criança assim como o negro, a mulher, o índio e outros seguimentos da humanidade, durante anos não vêm ocupando a primeira pessoa dentro dos discursos que as definem.(...) *até que esperneiam acham a voz e, na força do grito, mudam de posição no discurso(...)*

Como a literatura sempre evidencia e retrata o que acontece em determinado momento numa sociedade, ao analisar a obra *Seis Vezes Lucas*, verificar como é tratada a criança hoje, observando se esta já conquistou sua emancipação e o respeito que tanto almeja e merece, e identificar na obra de Lygia Bojunga, como sua narrativa se estrutura em seu processo discursivo, bem como a maneira que a autora aborda o universo infantil ao tratar de temas como o medo, a separação dos pais, decepções, que são tão conflitantes para uma criança.

Na referida obra será, todavia observado se realmente a criança é capaz de entender o mundo que a cerca e seu mundo interior. Ampliar o conhecimento sobre a autora e ler várias de suas obras, assim como, conhecer melhor este gênero literário destinado às crianças, suas emoções, imaginário e intelecto, deram maior sustentação para analisar a narrativa literária de Lygia Bojunga Nunes.

Feitas as leituras de diferentes obras que ilustram a vida social da criança desde a Idade Média e na época da colonização do Brasil, como também a história da Literatura Infantil, tanto brasileira quanto a universal, examinando a transformação deste gênero literário e qual foi o caminho percorrido pela criança, quais as conquistas que estas tiveram dentro das obras literárias e da sociedade. Nos contos de fadas, através dos estudos feitos por Bruno Bettelheim observar se a criança já possuía sinais de emancipação. Ao percorrer todos estes caminhos, analisar em *Seis Vezes Lucas*, qual o tratamento que Lygia Bojunga dispensa à criança e se esta faz dos conflitos infantis um elo entre mundo exterior e a emancipação interior.

É, através da literatura que o homem imortaliza toda a história de um povo, seus costumes, bem como seus anseios e fantasias. A arte literária também irá proporcionar às gerações futuras, conhecimento cultural e toda uma problemática existente em dado momento histórico da humanidade. Assim define Antonio Candido, (idem p.242). (...) *literatura de uma maneira mais ampla abrange todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todas os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura (...).*

A Literatura Infantil, só foi reconhecida e valorizada como formadora de consciência e da vida em sociedade recentemente. Mesmo nos primórdios do século XX, a literatura para crianças era considerada um gênero secundário.

Todavia o papel da Literatura Infantil é bem mais abrangente. Esta inicia a criança no mundo literário, instruindo e entretendo ao mesmo tempo que desenvolve a imaginação e a observação, para que estabeleça uma relação entre mundo real e a ficção.

Escrever para a criança não é tarefa fácil, o autor precisa ter muita sensibilidade e sintonia com o universo infantil. *Infantilizar* a criança não contribuirá em nada para a formação de um cidadão crítico e capaz de interferir e transformar uma sociedade.

Lygia Bojunga por sua vez, desde que publicou suas primeiras obras literárias, vem demonstrando que possui todo respaldo da crítica nacional e internacional para ser considerada uma das autoras contemporâneas, neste gênero de literatura, como define Laura Sandroni (1987), que se destaca por manter em suas obras, sem exceção, excelente qualidade literária.

A criança precisa identificar-se com uma narrativa, que a trate com respeito, abordando questões atuais e problemas relevantes ao ser humano, sem deixar de lado o lúdico, a fantasia. Uma obra que faça a criança entender melhor o mundo ao seu redor.

É através do prazer ou emoção, do simbolismo existente nas tramas e personagens que aos poucos vão agir no inconsciente da criança possibilitando a esta a resolução de seus conflitos interiores, que são normais nesta época da vida.

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA

A criança desde os tempos mais remotos vem lutando para ser um sujeito, e como tal possuir direitos e deveres que precisam ser respeitados. Os estudos do historiador Philippe Aries demonstram que na idade média, e por muito tempo ainda, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas. Portanto, a infância era demasiadamente curta, pois a partir dos sete ou nove anos a criança já era considerada capaz de fazer qualquer tipo de serviço considerado *pesado*.

A família, segundo o historiador, possuía algumas funções que assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não demonstrava nenhuma forma de afeto para com a criança. Somente no final dos séculos XVI e XVII, com uma preocupação crescente com a educação e com uma grande influência das ordens religiosas como, os jesuítas, os oratorianos, que são ordens dedicadas ao ensino, este no entanto, passa a ser cada vez mais dedicado às crianças e aos jovens, o que não ocorria nos séculos anteriores.

Essa nova preocupação com a educação iria aos poucos instalar-se no seio da família e da sociedade, e transformá-la. A família deixa de transmitir apenas os bens e o nome, para assumir uma função mais moral e espiritual, preocupadas em formar o corpo e a alma das crianças. Este novo cuidado com as crianças inspira um sentimento de afetividade e assim surge no século XVIII a família moderna.

Assim sendo, e com o surgimento das ciências como, a psicanálise, psicologia e a pediatria, os pais puderam informar-se sobre os problemas da infância, passam a entender melhor o universo infantil e a admitir, que a criança não estava madura, e que esta precisava vencer algumas fases na vida, assim era preciso um tempo mais longo para ser considerada capaz de pensar e agir como os adultos.

Entretanto, com o advento da modernidade passa a ser cada vez mais crescente a preocupação com a formação da criança. Os diferentes seguimentos da psicanálise que tiveram como mestre Freud e suas teorias revolucionárias dizem que, o lugar da criança na família, como relações dinâmicas inconscientes, é fator estruturante, sadio ou patogênico, da personalidade. Os psicólogos esclarecem, que uma boa maternidade e uma boa paternidade permitem à criança superar grande parte das dificuldades próprias do crescimento e, conseqüentemente, um desenvolvimento harmônico da personalidade. A mestre em

psicologia, Nádya Bossa, ilustra que cada ser humano é marcado pela relação real que tem com seu pai e sua mãe, e possui uma imagem do homem e da mulher complementares, emprestada imaginativamente dos pais. Para a psicóloga, o olhar interessado em compreender a natureza das relações da criança com o mundo não pode deixar de ocupar-se da dinâmica da família.

Já a Doutora Vera Barros enfatiza, que quanto mais vai se ampliando a realidade externa da criança, mais ela terá necessidade de uma organização interna, ágil e coerente, a fim de arquivar suas experiências e utilizá-las de modo adequado no momento presente. Para a doutora, do ponto de vista afetivo- emocional, é percebendo-se como parte significativa, seja na família, ou na escola, como alguém que é amado, benquisto, será de extrema importância para o equilíbrio emocional da criança. E que é fundamental para esta ter um convívio diário com outras crianças de diversas idades, assim terá um desenvolvimento cognitivo e afetivo - emocional em perfeita harmonia.

Vera Barros, conclui, que o processo de crescimento de uma criança, traz a tona toda uma carga de ansiedades, pois para ela crescer é justamente aprender a lidar com a frustração, com a tenção da ausência do outro, com o medo de não revê-lo, com o risco de se expor e não ser aceito. Todavia, os pais precisam dar limites de forma clara e coerente, mas não necessariamente rígida, e que dentro de um processo de desenvolvimento saudável, a criança vai perdendo sua onipotência dos primeiros anos de vida, para assumir-se como a autora da sua própria história.

De acordo com Regina Zilberman, foram as modificações acontecidas na idade moderna e consolidadas no século XVIII como, uma nova noção de família que estimulou o afeto entre seus membros, que a criança passa a ter uma consideração especial dentro de seu lar. Com esta nova valorização da infância, os pais tiveram uma preocupação maior com a formação intelectual dos filhos, assim passaram a missão de educá-los, para a escola e dessa maneira precisavam de uma literatura voltada para o público infantil.

Zilberman, define que os primeiros livros para crianças só foram produzidos no final do século XVII, pois antes disso esclarece, *não se escreviam para as crianças, pois até então a infância não existia*. Quando escola e gênero literário se unem, para a autora não é uma união das mais felizes, visto que, os primeiros textos literários para as crianças são escritos por pedagogos e professores, tendo como propósito e finalidade educativa, e esta característica pedagógica causa à literatura infantil, até os dias atuais um grande prejuízo.

Estudos indicam que, as tradições folclóricas as lendas de todos os povos e de todos os

tempos, transmitidas oralmente de geração em geração, são as principais fontes de inspiração da literatura infantil. A intenção pedagógica já aparecia desde a idade média, os primeiros manuscritos lidos para as crianças eram voltados para a formação religiosa.

No século XV e XVI, de acordo com a Enciclopédia Britânica do Brasil, os primeiros livros impressos para as crianças eram livros de boas maneiras. O primeiro livro ilustrado foi o *Mundo dos Sentidos em Pintura*, do pedagogo tcheco Jan Amos, destinado a ensinar latim e ciências.

O conto de fadas assumiu o papel de viga mestra, que ocupa por vários séculos na literatura infantil em todo mundo, a partir de Charles Perrault. Fénelon, por sua vez, em suas *Aventuras de Telêmaco*, deu um caráter didático e moralista a este livro feito inteiramente para as crianças. Rousseau em 1762, teve grande influência na literatura infantil, pois defendia o princípio do crescimento espontâneo e normal dentro de um ambiente natural adequado, no que foi muito mal compreendido pelos escritores da época, que viam na literatura infantil, apenas como sendo uma fonte de informações escolares e princípios moralizantes.

No século XIX os contos dos irmãos Grimm e as obras de Hans Cristian Andersen, com o conto do *Patinho Feio*, e *Soldadinho de Chumbo*, em que a humanização de bichos e objetos inanimados encantavam a todos pela criatividade, marcaram definitivamente a história da literatura infantil. A grande aceitação dos contos de fadas foi importante para a evolução da literatura destinada às crianças, pois o que antes era meramente instrutivo, passa com os contos de fadas a ser lúdico, contribuindo para a definição de um gênero voltado para as crianças.

A literatura infantil brasileira possui uma característica bastante original, pesquisas revelam que existe uma mescla de influências, que vão desde as contribuições européias com os portugueses até as africanas e indígenas.

Os caminhos percorridos pela literatura infantil desde a colonização até a atualidade foram vários e de lá para cá muita coisa mudou, e como sentencia Zilbermam, que não se trata no momento de definir gênero, pois seja através de contos de fadas, ou recriando mitos, fábulas ou lendas, o mais importante realmente é que o leitor, ou seja, a criança reconheça em cada história o universo no qual está inserida e com o qual possa compartilhar sucessos e dificuldades.

Para Zilbermam, a literatura infantil só irá atingir o estatuto de arte literária e distanciar-se cada vez mais da origem que lhe foi atribuída, aquela comprometida unicamente

com a pedagogia, quando apresentar textos de valor artístico às crianças, pois mesmo não atingindo *status* de adulto, esta não merece uma produção literária medíocre.

A autora ainda salienta, que os critérios que permitem discernir entre o bom ou o mau texto para a criança, são as mesmas atribuídas a qualquer modalidade literária, ou seja, o aspecto inovador desde que revele uma visão original da realidade, retratando o mundo em que o leitor convivia, mas que de alguma maneira ainda não o compreendia. Sendo assim a literatura infantil deve realizar uma função formadora e não se confundir com uma missão pedagógica, isto é, deve estar voltada para que a criança conheça o mundo a sua volta e também a si mesma.

LYGIA BOJUNGA

CRIANDO E RECRIANDO, EMOÇÃO

Lygia Bojunga nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Tinha oito anos quando se mudou para o Rio de Janeiro. Adolescente, estudou dois anos em Belo Horizonte, retornando ao Rio.

Aos dezenove anos Lygia abandonou um vestibular de medicina ao se classificar em primeiro lugar nos testes que havia feito para o teatro, iniciando assim sua carreira de atriz. Trabalhava também escrevendo para o rádio, que era uma atração naquela época, depois escreveria também para a televisão, uma novidade que surgia. Assim Lygia vai assumindo por completo sua vocação de escritora.

Nos livros de Lygia estão mães, avós... uma madrinha que mais parece uma fada... Também tem cachorro abandonado e coelho perdido... Enfim tem muitos e dos mais variados personagens, tudo com uma linguagem própria das crianças, são elas, que irão ver o mundo por Lygia.

Os livros de Lygia logo encantaram as crianças, os adultos e também os críticos, dessa forma, teve todos os seus livros premiados no Brasil, mas também fora dele. Em 1982, a autora recebeu o prêmio mais alto concedido a escritores de Literatura Infantil e Juvenil, a *Medalha Hans Christian Andersen*. Foi a primeira a receber este Prêmio fora do eixo da Europa ou dos Estados Unidos. Seus livros foram traduzidos em vários idiomas.

Em 1996, Lygia escreveu uma história de um menino, que era muito tímido, e também tinha medo de ficar sozinho à noite, era o Lucas, deu a essa história o título de *Seis Vezes Lucas*.

No livro *Seis Vezes Lucas*, Lygia Bojunga apresenta uma narrativa que gira em torno de um menino, filho único, de uma família de classe média. *Lucas*, que é o protagonista da história, encontra-se em seu apartamento e precisa enfrentar o medo que sentia quando ficava só. Assim ele vai imaginando e criando várias situações para poder suportar o peso da solidão. No transcorrer da narrativa *Lucas*, vive momentos de muita emoção.

Os pais de *Lucas* não se importam muito com ele, sempre saíam e o deixava sozinho. Então para não se sentir tão só, *Lucas* decide pedir ao seu pai um cachorro para lhe fazer companhia. Portanto, no dia do aniversário do *Lucas*, como havia sido prometido por seu pai, ele ganharia o tão sonhado animal.

Mas, infelizmente quando chegou o aniversário do *Lucas*, seu pai não cumpriu o prometido. O menino vê-se obrigado a dar uma lição no pai, chora, grita, se tranca no banheiro, enfim, *Lucas* não deixa barato o descaso do pai com seu presente.

Ao presenciar todo aquele drama, o pai decide encontrar custe o que custar o cachorro para *Lucas*. O menino enfim ganha seu presente, era um cãozinho vira - lata, mas *Lucas* não se importou, e logo caiu de amores por ele.

Tudo estava na mais perfeita harmonia, porém *Lucas* teve uma grande decepção. Em uma viagem de fim de semana, seu pai se aborreceu com o cachorro que se chamava Timorato, e o abandona em uma estrada deserta. *Lucas* ficou triste, muito triste e nunca mais encontra seu grande amigo e companheiro Timorato.

Lucas tinha no fundo do seu coração a esperança de que um dia iria encontrar o cão, isso nunca aconteceu, somente nos sonhos, o menino sempre sonhava que o Timorato chegaria a qualquer momento para salvá-lo das mãos de um pai tão cruel.

Sem o animal de estimação, *Lucas* transfere seu amor para sua professora de artes, era a Lenora, que além de linda, dava ao menino muito carinho e atenção. Atensões, estas que ele não recebia dos pais.

A decepção novamente atravessa o caminho de *Lucas*. Certo dia, ele encontrou seu pai aos beijos e abraços com sua amada professora. Foi um choque muito grande para *Lucas*, ele não sabia o que fazer, e se contava ou não para alguém o que viu.

O menino não tendo com quem desabafar, passa a fantasiar um lugar, para onde pudesse ir e reorganizar seu mundo, sua mente tão conturbada. *Lucas* imagina o terraço e na sua imaginação vai para lá, e com a mágica da fantasia, é neste lugar que *Lucas* faz tudo acontecer como ele queria e gostaria que fosse. Um lugar, onde não existia a traição, a desilusão e a falta de respeito.

Um dia a mãe do *Lucas* decide separar-se do seu pai, pois eles brigavam muito, pelos ciúmes dela e pela falta de caráter dele. Foi um grande alívio para o menino, pois sua mãe tomou esta atitude sem que ele precisasse contar tudo, tudinho que ele sabia sobre o pai e a Lenora.

Lucas muda-se com a mãe para um sítio. Era um lugar muito lindo, onde ele se sentia muito livre. Bom! Mas foi apenas por alguns dias, pois mais uma vez seu pai chega e estraga tudo. Quando sua mãe decide voltar a viver com seu pai novamente, *Lucas* perde o controle, e no desespero corre, chora, grita, vai se esconder em um lugar muito, muito longe.

Lucas, passa a noite sozinho na floresta e foi obrigado a lutar contra aquele medo que ele sentia, pois ficar perdido em uma floresta era tudo de mais terrível que o *Lucas* podia imaginar. Quando, no outro dia depois de perceber que ele era capaz de sobreviver a todos aqueles obstáculos, *Lucas* volta para casa, mas com a certeza de que ele precisava entender um tanto de coisas e aceitar outras tantas.

Enfim, não era voltar para casa com o pai que *Lucas* queria, mas naquele momento, era a única opção que ele teria. Assim, volta com os pais para casa, porém o *Lucas* que voltava não era o mesmo *Lucas* que havia saído de casa com a mãe. Este era um *Lucas* mais forte, mais maduro, isto é, ele era *Seis Vezes Lucas*.

A CRIANÇA EM BUSCA DE SUA EMANCIPAÇÃO NA OBRA 'SEIS VEZES LUCAS' DE LYGIA BOJUNGA NUNES

I- Infância, ontem, hoje e Sempre

Infância é uma palavra de origem latina, tem como prefixo a palavra *in* que indica negação. Portanto infância designa o ser que não fala, não falando terá sempre a presença do outro para a nomear, não ocupando dessa forma a primeira pessoa dentro dos discursos. Não falando, será sempre referida como ele ou ela.

E por está sendo vista de fora, a infância durante séculos não possuiu um lugar de destaque e respeito dentro da família e da sociedade na qual está inserida, como define o historiador inglês Philippe Ariés (1981) em seus estudos, que o sentimento de infância é uma construção e invenção da sociedade moderna. Esta passa a ver a criança como alguém que precisa ser cuidada, educada e preparada para uma vida futura. O autor enfatiza que só no final do século XVII a infância começa a ter um outro conceito, se consolidando no final do século XVIII. No entanto nos séculos anteriores, a criança era totalmente ignorada pela sociedade dos adultos. Estas não possuíam nenhuma atenção nem cuidados especiais. A consequência de tal ato foi marcada pelas altas taxas de mortalidade infantil, pois a criança era tratada como um adulto em miniatura não havendo diferenciação entre eles. As crianças participavam das atividades comuns a todos, tais como; trabalho, todo tipo de festas, vestimentas e até mesmo jogos.

Não existem representações coletivas onde as crianças pequenas e grandes não tenham seu lugar, (...) urinando num canto, desempenhando seu papel numa festa tradicional, trabalhando como aprendizes num ateliê, ou servindo como pajens de um cavaleiro.
(ARIÉS, 2001: 156-157)

No entanto nos séculos posteriores, um novo sentimento de infância passa a ver a criança como o futuro de uma nação. Passam a tratar a criança, como um ser inocente, frágil e sensível, mas ao mesmo tempo é vista como sendo incapaz de raciocinar e que só serão transformadas em seres educados e inteligentes pelas mãos dos adultos que terão como missão educá-las com rigor e disciplina. *Um novo sentimento de infância havia surgido, em que a criança por sua inocuidade (...) graca se torna uma fonte de distração (...) para os adultos*

um sentimento que poderíamos chamar de paparicação. (idem, p.158). Este novo sentimento para com a criança torna-se contraditório, pois apesar de olharem a criança com outros olhos, não deixam de vela-la como um mero passa tempo e não como um sujeito em si.

Nos dias atuais, a infância é tida como uma fase de pureza e inocência. No entanto, observa-se que este sentimento contrasta com o que realmente é veiculado pelos meios de comunicação, nas ruas das cidades do mundo todo, nas famílias, demonstrando claramente que as crianças de hoje sofrem com a violência, com a exploração do trabalho infantil, da sexualidade, do uso de roupas sensuais. Enfim, continuam sendo vítimas de um passado que pensava-se distante.

Este crescente fenômeno de exploração e desrespeito vivenciados pelas crianças, tornam-se mais intensos a cada dia. Por isso, devemos problematizar a infância contemporânea, observando suas conquistas e quem sabe buscar soluções que tornem a criança o sujeito do seu próprio discurso, sendo eu e não ele ou ela.

A história e as artes, destacando a arte literárias, sempre caminharam juntas. E a história da infância, seja ela, mundial ou a nacional, também se evidencia nas obras literárias, pois estas sempre buscam retratar os fatos vigentes em uma determinada época e em alguma sociedade. Como define Nelly Novais (1987: 24)

Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo. Conhecer este "modo" é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e fundamenta ...).

Os primeiros registros de textos literários escritos por autores brasileiros mencionavam apenas a criança como um ser melancólico e frágil, nunca praticavam uma ação nem palavra eram meros figurantes. Gilberto Freire ilustra bem esta época em sua obra *Sobrados e Mocambos*. *Tratados de resto: cabeça raspada, (...) E porque se supunha essa criatura estranha, cheia de instinto de todos os pecados, (...) seu corpo era o mais castigado dentro da casa. Depois do escravo, naturalmente.* FREIRE (apud FREITAS, 2001: 260)

Diferentemente da literatura infantil européia, que teve início por volta do século XVII, com a publicação dos contos da *Mãe Gansa*, de Charles Pierollt. No Brasil a criança só passará a ter livros dedicados exclusivamente a elas, a partir de Monteiro Lobato. Este encontrou um novo caminho criador de que a literatura destinada à criança brasileira estava a

muito almejando. Lobato irá reconhecer a riqueza que é o ser poético infantil. O autor *constrói* através da literatura por volta do de 1920 e 1930, *O Sítio do Pica-pau Amarelo*. Um lugar, no qual iria projetar seu ideal de mundo e de país. Foi a fantasia que lhe permitiu, denunciar e recriar um mundo, onde seus ideais e sonhos pudessem se concretizar. Lobato dá vida a boneca Emília com suposta intenção de satirizar os desmandos sociais daquela época. A boneca fala o que lhe vêm à boca, sendo um ser inanimado e imaginário não poderá ser censurada, uma prática constante naquela época e em muitas outras.

No entanto seguindo um longo percurso histórico e literário, são muitos e variados obstáculos vividos e vencidos pela criança até atingir a nossa era, digamos, *moderna*. Na atualidade vários autores em suas obras, vêm se dedicando à reflexão sobre as relações entre a infância no mundo contemporâneo, refletindo e denunciando várias situações que ainda hoje, são vivenciadas pela criança.

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível / impossível realização (...) (COELHO, p. 24)

II- Realidade e fantasia se completam

A autora Lygia Bojunga Nunes e suas obras se enquadram no perfil acima mencionado. O livro *Seis Vezes Lucas*, está centrado nas emoções, medos, inquietações e ansiedades, problemas que a maioria das crianças enfrenta. A família será o tema central da trama. Ao retratar os conflitos de uma criança dentro do seu lar, a autora usa de uma linguagem poética, mas ao mesmo tempo tensa, em que o humor poucas vezes aparece, mas não abre mão das metáforas, característica sempre marcante em suas obras.

Mesmo falando de um tema tão doloroso, mas ao mesmo tempo atual, que é a separação dos pais, a indiferença destes para com o filho, que sozinho terá que encontrar seu próprio caminho e resolver seus conflitos existenciais. Esta caminhada em busca do auto - conhecimento, como sempre acontece nas obras de Lygia Bojunga, será penoso. No entanto a autora estabelece uma sintonia entre as palavras e os sentimentos, unindo com sua linguagem marcante, personagem e leitor. São seis capítulos recheados de emoções, que fazem o leitor adulto refletir sobre o papel da família, muitas crianças e adolescentes irão identificar-se com a personagem *Lucas* e muitos pais repensarão sobre suas atitudes para com seus filhos.

Estudos indicam que os processos de desenvolvimento de uma criança terão relação com a maneira como esta será criada e educada. As situações, sejam elas, positivas ou negativas vividas por uma criança irão acompanhá-la durante toda sua vida, nos seus relacionamentos sociais, familiares, na escola, no seu aprendizado, enfim, será sua base para uma vida futura. Como esclarece Gabriel Chalita (2001). A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família. É essa a célula mãe da sociedade, em que os conflitos necessários não destroem o ambiente saudável.

Ao analisar a obra *Seis Vezes Lucas*, espero contribuir para discussão da situação da criança nos dias atuais. Com o olhar voltado para a literatura infanto - juvenil e os avanços da criança representados nas obras dedicadas a elas. Para Marisa Lajolo (2001: 232):

Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar com as imagens formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, seja estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas.

III- A criança e seus medos

O primeiro contato de uma criança com o mundo se dá através da família, exemplos que obtém desse convívio familiar irão formar a personalidade e o caráter de uma criança. Os valores, a ética, a linguagem, os medos, as ambições, são exemplos recebidos dentro do âmbito da família. Mesmo que as relações familiares mudem, que os filhos cresçam e formem outras famílias, não se pode negar que, pelo resto da vida estes carregarão a estrutura básica que obtiverem durante a infância.

Na obra intitulada *Seis Vezes Lucas*, a autora Lygia Bojunga problematiza em sua narrativa de forma clara, denunciando o modelo de família estabelecido pela sociedade moderna, que tem como padrão nos seus ditames uma família, com pai, mãe e filhos como sendo perfeitas.

A autora não usa de subterfúgios para questionar este modelo de família atual. A estrutura da narrativa se desenvolve de maneira que fique explícito, as várias formas de se desrespeitar, violentar e sufocar os direitos de uma criança. Esta denúncia fica evidenciada nas situações que o pequeno *Lucas*, enfrenta.

Um simples gesto, um olhar reprovador, a indiferença dos pais, podem e vão torturar e doer em *Lucas*, muito mais do que as agressões físicas propriamente ditas. A narrativa começa a estruturar-se já nos primeiros capítulos. O menino *Lucas* é extremamente observador cada gesto do pai, a falta de diálogo deste para com o filho, criará uma angústia no menino capaz de gerar todo tipo de conflito, situações fortes e emocionantes marcarão todo processo narrativo.

Lucas entrou no quarto e viu o Pai se olhando no espelho. Paro; ficou olhando o Pai se olhar(...)

_ Ó, meu filho, você tá ? (...)

_ Pai!

_ Hum ?

_ É que ...é que... tá chovendo.

_ E daí ?

_ E que... eu.... eu Olhou para o Pai; a voz foi escorregando.

_ É que eu...esqueci o que eu ia dizer.(BOJUNGA, 2001:15-16)

Não encontrando apoio do pai, *Lucas* vai a procura da mãe, com a esperança de ser compreendido por esta. Mas a mãe também não ouve seus apelos, preocupada unicamente em agradar, o todo poderoso, marido e pai do *Lucas*.

_ Eu tô com medo de ficar sozinho.

_ Não vamos começar outra vez com isso, não é, meu amor? Você não viu a cara do teu pai na hora do jantar? Ele não gostou nadinha de ver você falando de novo que tem medo

_ Mãe... Ouviu a Mãe fechando a porta. (...) (idem, p.17).

Mesmo conversando com o filho de forma carinhosa tratando-o de *meu amor*, a mãe de *Lucas* não é capaz de ouvir os apelos do filho, ela se tornou tão vítima do marido, quanto o menino do pai, pois aceita passivamente o tratamento que este dispensa a ambos. Mãe e filho se sujeitam a condição de dominados, com isso a autora tece uma crítica às várias formas de assujeitamento do sujeito[♦]. Nos diálogos observar-se o abismo que cada vez mais irá surgir entre *Lucas* e os pais. Ao deparar-se só e sem nenhuma chance de reverter sua atual condição de, *um ser abandonado*, o menino começa a fantasiar situações que lhe possam dar um certo alívio aos seus medos e angústias. Para Bettelheim, (1984), quando fica sozinha por algumas

♦ Segundo ORLANDI, 2000:50, é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso.

horas, a criança pode sentir-se tão maltratada como se tivesse sofrido um abandono ou rejeição de uma vida inteira.

O medo é um problema que aflige a maioria das crianças. No entanto, estudos revelam que a maioria dos medos infantis como o medo do escuro, de dormir sozinho, de animais, são controláveis e desaparecem com o passar dos anos. O medo é um sentimento, uma reação instintiva e de defesa, que prepara o corpo para fugir diante de situações ameaçadoras.

No entanto, muitos pais ignoram os sentimentos de seus filhos. Outros acreditam que para superar o medo a criança precisa enfrentá-lo a qualquer preço. Este tipo de atitude só irá agravar o problema, o carinho, a compreensão seriam os antídotos ideais para que a criança sintasse-se segura e amada.

Na medida em que trata de temas tão reais a autora vai mergulhando cada vez mais no universo psicológico da criança. Confirmando uma de suas características narrativas que é segundo Laura Sandroni (1987), o plano vertical em que a narrativa volta-se para os problemas interiores que são característicos da infância.

O psicanalista Bruno Bettelheim, (1984:18) define como positivas estes temas centrados nos conflitos psicológicos infantis, pois não tratando os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas a literatura infantil moderna não ajudará a criança a lidar com eles. *Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no filho, tende a passar por cima delas(...).*

Sempre que *Lucas* faz referência ao pai, esta palavra aparece em letra maiúscula, ou seja, o pai do *Lucas* era um pai com um P bem grande, mas não no sentido de *Paizão*, aquele que é amigo, companheiro, mas sim no sentido autoritário. Trata-se de um Pai que se acha o todo poderoso, o dominador, aquele que precisa ser agradado a todo tempo, pois *Ele* não poderá nunca ser contrariado. Caso alguém o aborreça *Este* não se responsabilizaria pelos seus atos. E isso fica bem claro para toda família.

O Lucas voltou pro lugar. Mas a aflição continuou: o Pai vinha buscar ele depois da aula (naquele dia a Mãe não podia vir), e o Pai de- tes- ta-va esperar.

(BOJUNGA, p.55)

Sabe-se que o autoritarismo presente em qualquer forma de educação, seja na família ou na escola privará a criança de expor seus pensamentos e sentimentos. Diante disso não será capaz de desenvolver-se como uma pessoa segura de si e com personalidade própria.

Pais autoritários, ou qualquer pessoa responsável pela educação de uma criança, poderão torná-las seres fracos, inseguros, frustrados por não conseguirem manifestar seus sentimentos. Em razão dessa educação, poderão querer sempre agradar aos outros para se sentirem amados e admirados, ou quem sabe amargos e revoltados com todos a sua volta. Para ilustrar de maneira realista o sentimento de um filho em relação a um pai autoritário, a seguir teremos trechos de um carta de KAFKA a seu pai:

A impossibilidade de ter relações pacíficas contigo teve ainda uma outra consequência muito natural na verdade: eu perdi o uso da fala... Desde cedo me proibiste tomar a palavra: "Nada de respostas !" dizias . Esta ameaça e a mão erguida que a sublinhava acompanharam-me o tempo todo.(...) _ adotei uma forma de falar entre cortada e gaguejante, mas isso ainda foi demais para o seu gosto e acabei por me calar, no começo por desafio, talvez, depois porque já não era capaz de pensar nem de falar na tua presença.(...) os efeitos de tudo isso fizeram-se sentir em toda minha vida. Se eu tivesse te obedecido menos, certamente estaria muito mais satisfeito comigo. Ao contrário do que pensavas, o teu sistema pedagógico atingiu em cheio o seu objetivo: não escapei a nenhum ato de posse: tal como sou, eu sou o resultado da tua educação e da minha obediência (...). (KAFKA, apud SALTINI,1999:22)

Partindo dessa premissa, a personagem *Lucas* passa a ter sentimentos contraditórios em relação ao pai. Ora quer agradá-lo, para que este o aceite, o ame e se orgulhe dele. *Ele ia ser um cara por Pai não botar defeito. (BOJUNGA, p.18).* Ora possui um sentimento de vingança e ódio, deste mesmo Pai. *Foi pra janela, que chuva, que chuva de vento, ah! Como ele ia bater no Pai podendo bater sem o Pai ver. (idem, p.21).* O vento e a chuva que caíam fortemente representariam sua vingança, pois *Lucas* precisava de alguma maneira extravasar seus sentimentos e desejos, passando dessa forma a usar de sua *imaginação e fantasia*, outra característica nas obras de Bojunga. Segundo Bettelhem, sem fantasias para nos dar esperanças, não temos força para enfrentar as adversidades da vida e a infância é a época em que estas fantasias precisam ser nutridas.

IV- Brincadeira é coisa séria

Para Vera Barros de Oliveira (1994), Doutora em Psicologia, brincando a criança traz à tona situações cheias de emoções. Enfatiza, que a brincadeira simbólica, por ser zona

fronteira entre a realidade e a fantasia, entre o eu e o outro, entre o consciente, e o inconsciente, dará condições à criança de representar situações carregadas de afeto e emoção. Possibilitará que a criança viva seus medos, inverta papéis e, assim, poderá compreender melhor as relações vividas.

Ao retratar o cotidiano de uma família, Bojunga não poupa o leitor de nenhum detalhe. Quando intensifica uma relação entre a realidade e as fantasias de uma criança, esta deixa evidenciar todas as formas de sentimentos inerentes ao ser humano.

Entretanto, o ser humano não nasceu para viver só, isolado, é, acima de tudo dependente um do outro. É, pois neste aspecto que na obra *Seis Vezes Lucas*, fica explícito este sentimento de necessidade do outro, quando a personagem *Lucas* vê-se na posição de um ser solitário. O menino buscará uma forma para que possa se sentir seguro, protegido, já que não se encontrava na companhia dos pais. (...) *o jeito era chamar a tia Elisa...Então o jeito era acender tudo que é luz, ligar rádio, televisão, som, botar tudo bem alto, se enfiar na cama e deixar todo mundo lá berrando e cantando até ele dormir.*(*BOJUNGA*, p.19) O fato de estar só em sua casa causava-lhe tanto pavor, que todo seu corpo era acometido por uma grande dor.

(...) Deu vontade de modelar. (...) O dedo cava um olho e depois cava mais outro e aí rasga uma boca, depois levanta um nariz, e olha que coisa engraçada! (...) é uma cara que o Lucas gosta de olhar. Nem pescoço, nem garganta, nem nada doía mais. (...) Não se sentiu mais sozinho, (...).(idem, p. 19)

Portanto, foi através de uma simples brincadeira, que *Lucas* pôde usar de toda sua criatividade e assim encontrar um pouco de conforto, de segurança, para suportar a tão temida solidão. Usando de sua imaginação ele pega sua massa de modelar e daí surge com a habilidade de suas mãos uma *CARA*. Somente uma *cara*, sem o corpo, pois é no rosto das pessoas que estão marcadas suas expressões seus sentimentos bons ou ruins, sendo assim *Lucas* preocupa-se em moldar cada expressão e que estas sejam agradáveis a seus olhos, pois a presença de alguém agradável é sempre muito melhor, pronto, ele não precisaria de mais nada. Esta *cara* personificaria uma pessoa para lhe fazer companhia. Mas, não seria qualquer pessoa e sim as pessoas, que *Lucas* mais gostaria que estivessem ali naquele momento, ou seja, seus pais, ou melhor, o *PAI*.

Cristina Rego (1995), no seu livro sobre as teorias de Vygotsky, esclarece que este já defendia que o brincar é, portanto, uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Pode-se dizer então que através da brincadeira, estas poderão ultrapassar a realidade e transformá-la com sua imaginação. *A criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis.* (REGO, P. 82).

V- A criança quer um lar....

A narrativa segue demonstrando todo tipo de situações possíveis que uma criança poderá compartilhar dentro do seio de uma família. Esta possui um papel fundamental, no processo de desenvolvimento da criança, pois as primeiras e mais significativas relações de aprendizados de uma criança são realizadas com os pais, ou pessoas próximas a ela. Como define a Terapeuta de Família e Casais, Rosa Maria Macedo (2001). *Fazem parte das funções da família, portanto, a transformação dos valores, dessa sociedade que modela o próprio processo de socialização da criança no seu seio.*

Família e sociedade estão intimamente ligadas, a primeira será sempre um reflexo da outra. Sendo assim, podemos observar na obra *Seis Vezes Lucas*, que a criança, ainda não está tendo o respeito merecido dentro da família contemporânea. Os tempos mudam, mudam-se os valores e a família continua não sabendo, ou não querendo, entender os sentimentos de uma criança, está apenas escondida atrás de uma máscara de hipocrisias passando-se por, *perfeita, boazinha*, tentando demonstrar que tudo está em *grande harmonia*.

Na narrativa de Lygia Bojunga, a família que está sendo representada é a de classe média. Quando a mãe de Lucas quer matriculá-lo em uma escola de artes, fica evidenciado qual o seu lugar na camada social. Pois, infelizmente se na sociedade brasileira o ensino fundamental já se torna privilégio de poucos, estudar em uma escola de artes plásticas no Brasil, torna-se um luxo, que apenas as pessoas de classe média alta são capazes de poder usufruir. *Acho que toda criança deve aprender a desenhar, pintar, modelar : vou botar o Lucas num curso de artes plásticas.* (BOJUNGA, p. 39)

Apesar de ter uma família com uma situação financeira privilegiada, *Lucas* não era uma criança feliz, pois faltava-lhe o principal, algo que muitos pais ainda não entenderam que é primordial para o desenvolvimento de uma criança, ou seja, carinho, amor, compreensão e a presença destes.

A expressão dos afetos dá aos pais uma dimensão humana, ajuda a modelar a personalidade das crianças pela aceitação dos próprios sentimentos negativos e a convicção de que não deixarão de ser amadas por sentimentos de raiva ou ciúmes ou qualquer outro de que ninguém pode se orgulhar. (MACEDO, p. 203).

Assim sendo, pode-se observar que Bojunga, engloba em *Seis Vezes Lucas*, vários aspectos que caracterizam uma família da era moderna, visto que, é uma obra datada de 1996, porém muito recente. Estudos revelam, que a família sempre passa por mudanças, e estas correspondem às mudanças que ocorrem em uma sociedade. *A família é parte de um contexto mais amplo que é o sistema social, sendo moldada por ele. (...) (idem: p. 187)*

A família tanto poderá assumir ou renunciar as funções que lhe são legadas, isto é, dar a seus membros proteção psicossocial e transmitir-lhes, cultura, valores, respeito e amor. Na atualidade tanto a família, como a humanidade em geral estão passando por transformações em uma velocidade, que até a algum tempo atrás não seriam imagináveis.

Em um passado não muito distante, as crianças desfrutavam com maior intensidade da companhia de seus pais, além disso tinham uma família numerosa e sempre estavam rodeadas de irmãos, dessa maneira, quem sabe, poderiam sentir-se menos solitárias.

Com o advento da modernidade ganha-se por um lado, tecnologia, evolução científica, mas perde-se por outro. As pessoas precisam conquistar a cada dia um lugar ao sol, portanto os pais tornam-se cada vez mais ausentes do seu lar e a família da atualidade foi reduzida a um número menor de filhos. (...) *E o Pai então contou um segredo: andava um boato na companhia de que ele ia ser escolhido pra vice- diretor. Ah, que maravilha! E o diretor tinha um filho mais ou menos da idade do Lucas, (...) que bom, não é ? mas que ótimo! (...)* (BOJUNGA: p.43)

Entretanto, quando juntos pais e filhos comunicam-se menos entre si. A família passa a fechar as portas da casa e do coração a qualquer apelo, digamos do mundo exterior, seja para os vizinhos, seja para seus membros. Enfim, pais e filhos trancam-se cada um em seu mundo interior. Lygia Bojunga, alerta o leitor, ao demonstrar e denunciar, que como *Lucas* as crianças de nossa sociedade poderão estar se sentindo isoladas em suas famílias, que tornam-se menos receptivas e compreensivas a cada dia.

VI- A criança em busca de si mesma

Para *Lucas*, a convivência com os pais, no entanto não tem sido tarefa das mais simples, este conta unicamente com sigilo próprio e segue, acertando, errando, buscando o sucesso e decepcionando-se com os fracassos. Assim, aprende a caminhar com as próprias pernas. *Lucas* luta com seus anseios, procurando encontrar-se a si mesmo, seguindo em busca de sua emancipação, a cada decepção, a cada angústia, cai, levanta, tropeça novamente, mas sem dúvida vai se libertando. Bettelheim, (1984) afirma: *Que para dominar os problemas psicológicos do crescimento- superar decepções(...) – a criança necessita entender o que está passando dentro de seu eu inconsciente.*

O menino *Lucas* continua sua caminhada e vai passando por experiências em sua vida familiar que o levam a ter conflitos e emoções, estes vão de uma escala mais simples a patamares mais conturbados. *Lucas* experimenta quase ao mesmo tempo vários tipos de sentimentos: de frustração, ao ser proibido de forma violenta e brutal do direito de possuir e conviver com seu único “amigo”, que era o cãozinho *Timorato*. *E foi só o Lucas se virar e a porta de trás que, pronto: o Pai já tinha largado o Timorato na estrada... o carro dobrou numa esquina e o Timorato desapareceu (...)* (BOJUNGA, p.46). De amor pela sua professora de artes *Lenor*, pois esta foi a única a lhe demonstrar um pouco de afeto e atenção. *Era a primeira vez que a Lenor chamava ele de meu bem, e foi só ouvir o bem que o coração do Lucas fez um passo de dança. (...)* (*idem*, p.57). De decepção ao descobrir que esta mesma professora que ele amava e admirava, foi capaz de um ato tão vil, quando envolve-se emocionalmente com seu Pai. *A Lenor parou de falar; a cara dela estava escondida no peito do Pai, e assim, de costas, alto como ele era, o Pai parecia até outra porta fechada entre Lucas e a Lenor. (...)* (*idem* p.65). De esperança ao perceber que sua mãe iria tomar uma atitude em relação ao seu casamento, quando decide separar-se do marido, ou melhor do Pai do *Lucas*. *O Lucas não dizia nada, só seguindo a Mãe com o olho, e mal podendo acreditar que ela ia mesmo se separar do Pai....* (*idem*, p.87).

Contudo, tais emoções foram sentidas e vividas como um grande bombardeio no coração e na alma do pequeno *Lucas*. Mas quem sabe seria esta mescla de sentimentos que

faria o menino encontrar o verdadeiro caminho que o levaria a libertar-se de suas inseguranças, e assim conhecer seu verdadeiro *EU* interior.

VII- Quando os pais se separam

Talvez uma das situações mais difíceis pela qual uma família poderia passar seria a separação dos pais. O sofrimento ainda é maior para os filhos, pois não entendem o motivo que levaram os pais a tomarem aquela atitude. A criança além de sentir-se culpada pela separação, fica confusa e não sabe que atitude tomar, nem de que lado ficar. *_ Levanta, meu filho; (...) pra gente ir embora. Mas o Lucas só tinha vontade de virar pro lado e dormir, que bom que ia ser! Não ter que ir, não ter que ficar, só ter que dormir. (BOJUNGA: p.87).*

Entretanto, para *Lucas* esta foi a melhor solução encontrada por sua mãe. Ele não suportava mais tanta hipocrisia de seu pai, que enganava e traía a sua mãe sem nenhum pudor. Porém o pai de *Lucas* não admite ser abandonado pela mulher, pois tendo uma ideologia machista, jamais aceitaria esta atitude vinda da esposa. *_ Deixa ela chorar que ela é mulher, mas você é homem e eu não quero um filho chorão, com medo de ficar sozinho, com medo disso, com medo daquilo. (idem, p. 28).*

As armas usadas pelo pai do menino são tão medíocres, que revelam bem o seu caráter, ou seja, usa de chantagem emocional para com *Lucas* e assim espera atingir a esposa, usando o filho como moeda de troca. A sensação de *Lucas* é que para ser amado ele precisava entrar no jogo do pai, mais com fibra e determinação não obedeceu as regras desse jogo. O pai era um bom *jogador*, mas *Lucas* já conhecia suas técnicas, e ao apoiar a decisão da mãe, demonstra ser uma criança muito mais madura do que os próprios pais.

*_ Lucas a tua mãe quer ir embora. E quer levar você junto. (...) E é pr'aquela solidão que a tua mãe, ... quer te arrastar. (...) É claro que eu não concordo. E é claro que você
E é claro que você também não vai concordar. (idem, p. 86)*

O pai de *Lucas* não usa o *chicote* propriamente dito, este objeto símbolo de uma repressão do *passado*, está camuflado nas suas atitudes para com o filho, no seu autoritarismo, na sua leviandade. *Lucas* na sua infância sufocada sente-se na obrigação de proteger a mãe, como um pequeno – grande – homem, e apoiá-la na decisão de ficar bem longe daquele ser, que infelizmente era seu Pai.

VIII- A Criança quer libertar-se

Com o processo de separação dos pais, *Lucas* experimenta um sentimento até então desconhecido para ele, que era, o sentir-se livre. Esta nova sensação de liberdade, leva o menino a crer que, a felicidade existia, e que estar distante da opressão e da intolerância do Pai era algo realmente indescritível. *O Lucas gostou da montanha. O sítio era rodeado de mata, um lugar belíssimo! (...) o Lucas se sentiu tão livre, tão feliz, que voltou pra casa resolvido a escalar picos, picos cada vez mais altos. (BOJYNGA, p.88).* Porém, esta alegria não é duradoura, e novamente *Lucas* se depara com o poder de sedução e persuasão que o pai tinha sobre a mãe.

Contudo, *Lucas* tinha consciência da insegurança e fraqueza de sua mãe, e por amá-la muito gostaria que, esta fosse mais persistente não cedendo tão rapidamente aos caprichos do marido, ele previa que caso isto acontecesse, jamais conseguiriam livrar-se do domínio velado, que o Pai exercia sobre ambos.

Como é natural em todas as crianças, *Lucas*, também estava passando pelo seu *Complexo de Édipo*, que segundo Bettelheim: *É assim que a criança se sente quando é devastada dos sentidos ambivalentes, frustrações, e ansiedades do estágio edípico de desenvolvimento, assim como os desapontamentos prévios e raivas quando a mãe não consegue gratificar seus desejos e necessidades da forma integral esperada pela criança.* Tal sentimento fica evidenciado na explosão de raiva e desilusão que *Lucas* demonstra ao saber que a mãe em sua ingenuidade, ou falta de amor próprio, não soube se livrar do poder de sedução do marido. *_ Escuta, Lucas, o teu pai vai chegar hoje de tarde; (...) _ Mas você não se separou dele? _ É sempre ele, ele, não é? Vai ser sempre assim? (...) Você só faz o que ele quer! E eu?! Você nunca vai fazer o que eu quero?*

Mas, *Lucas* não podia acreditar na decisão da mãe, depois de tudo que o pai havia feito, isto para o menino era um pesadelo, ele não iria deixar-se vencer e sem pensar em mais nada sai em busca de um refúgio, precisava entender tudo o que estava acontecendo. Ele não suportaria mais aquela hipocrisia de ver os pais juntos outra vez, e de viver em um lar, onde o que menos existia era o respeito, o amor e a harmonia.

Lucas, vê-se perdido na floresta, e se depara com o desconhecido, com um mundo que ele não sabia o que poderia encontrar. Isso já não importava mais ao menino, lidar com o inesperado quem sabe fosse mais simples, do que viver em um mundo já previsível, que ele conhecia tão bem, mas não o agradava nem um pouco. *O Lucas agora corria. Com toda força. (...) Corria sem ver onde é que ia. Só corria e corria. (...) Em volta em cima tudo breu. (idem, p. 91)*

Todavia, desde os *contos de fadas*, a criança já saía rumo a uma aventura na floresta, como define Bruno Bettelheim (1984). *Desde os tempos antigos, a floresta quase impenetrável onde ficamos perdidos simboliza o mundo escuro, escondido e quase impenetrável de nosso inconsciente.* Assim, como *João e Maria*, *Branca de Neve* e outros, *Lucas* se perde na floresta, no interior de sua alma e, dessa forma tenta encontra uma saída para seus conflitos existenciais. A fuga para a floresta conduziria *Lucas* ao seu amadurecimento e auto conhecimento. *Quando abriu o olho mal percebeu uma árvore ou outra: a floresta tinha se desmanchado na escuridão (...) Agora, já não era medo de não achar o caminho: era o terror de não ter achado o caminho. Começou a berrar. (BOJUNGA: p. 93)*

Entretanto para *Lucas* esta foi uma busca intensa, pois viu-se diante de um mundo que ele não conhecia, este era tenebroso, e aterrorizava todo seu ser. Ao deparar-se com uma situação de pânico total, o menino de súbito, percebeu que estava só naquele lugar e então mergulha em uma atmosfera hostil, sabendo que teria que lutar muito, para integrar-se a este novo mundo a este novo *Lucas* que *nascia*. E luta com todas as forças visíveis e invisíveis, e o medo que sempre foi seu companheiro constante, passa a assumir as mais diferentes formas e aspectos. *Foi assim, de joelho e palma – de – mão na terra, que o Lucas foi botando pra fora um choro antigo à beça, todo feito de medo e mais medo. (...) E um choro se juntava no outro, e o soluço engrossava, crescia, desaguava cada vez mais forte pela boca, (...) (idem, p. 95).*

Porém, *Lucas* foi capaz de sobreviver àquele turbilhão de hostilidade que invadiu sua alma, sozinho venceu o medo e todos os outros sentimentos ruins, uma novo caminho surge a

sua frente, e *Lucas* seguiu em direção a ele, tudo a sua volta estava mais iluminado e o interior de alma também. Libertando-se de todos os seus medos e inseguranças, ele encontra-se a si mesmo. Foi um processo doloroso, mas que era preciso vivê-lo, pois só assim *Lucas* cresceria e perceberia melhor o mundo que o cercava e dessa maneira, poderia conviver melhor com o mundo dos adultos, e no seio de sua família. *O olho do Lucas saiu caminhando devagar pela claridade que ia acordando a floresta. (...) pensei que gente grande sacava melhor. (ibidem, p. 112)*

No entanto, *Lucas* não poderia mudar o pai, mais pode mudar a si mesmo. Ao voltar-se para o seu eu mais profundo, esta criança antes tão indefesa, mesmo sabendo que não venceria os impasses entre ele e os pais, entendeu que estando mais seguro de si, encontraria uma maneira de se relacionar com estes sem grandes conflitos, que são gerados por suas diferenças. *Lucas* percebeu que não havia muita lógica nos atos dos adultos, mas fazer o que....nem *ele* e nem ninguém sabe entender este mundo, digamos dos *adultos*.

Todo o processo narrativo, acontece de uma forma realista, a criança é a protagonista, e toda a trama gira em torno dela, que busca libertar-se da opressão do mundo dos adultos. Lygia Bojunga, permite que *Lucas* mergulhe no seu mais profundo interior, para voltar e entender melhor as atitudes do outro e as suas próprias, assim seus conflitos aos poucos vão se diluindo. Mais do que o auto – conhecimento, o mais importante nesta narrativa é o de que a criança conheça melhor o mundo no qual está inserida.

Lucas poderá ser o porta voz de milhares de crianças, que como ele também poderão estar sendo marginalizadas dentro de seus lares, e como *Lucas* esperam encontrar uma saída para seus problemas. Estas crianças, assim como a personagem não terão fadas com suas varinhas mágicas, nem príncipes cavalgando em um cavalo branco para salvá-las, estas terão apenas como aliados sua força e sua coragem, pois só assim conseguirão emancipar-se e mudar o percurso do seu próprio destino.

Bojunga vai do realismo à fantasia, e fala de tudo aquilo que há dentro do consciente e inconsciente de cada um, seja criança ou adulto todos acabam de uma forma ou outra se identificando com sua obra. Com sua escrita, a autora dá vida a *Lucas* e este se confronta com todos os tipos de sentimentos, deixando para o leitor vários caminhos para que possa compreender melhor seus próprios sentimentos, com os quais muitas vezes também estes se confrontam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra de Lygia Bojunga, *Seis Vezes Lucas* tornou-se mais evidente a razão pela qual esta autora é tão admirada e respeitada por críticos e leitores, não só no Brasil, mas também em diferentes partes do mundo. Bojunga, procura colocar em sua obra, fragmentos que ilustram a vida da criança, seu mundo, a sociedade vigente, a família, sem com isso perder o encanto, consegue transformar uma dura realidade em um mundo encantado e fascinante que vai exercendo sobre a imaginação insaciável da criança uma atmosfera em que demonstra que é possível vencer os desafios, unindo os elos que torna a criança um sujeito consciente de seus problemas, mas também repleto de desejos de vê-los resolvidos.

O estilo poético da autora e o uso de uma linguagem simples e coloquial, conseguem amenizar os momentos tristes e conflituosos que vive a personagem. Por ser uma obra contemporânea a realidade é representada com uma dose significativa de fantasia, que correspondem às mais íntimas necessidades e desejos sentidos por uma criança, mas que talvez estas não saibam ainda entendê-los. Assim identificando-se com um mundo imaginário a criança poderá compreender melhor a realidade do mundo que a cerca.

Bojunga não reduz a criança em um ser caricato e nem a infantiliza, ao contrário em sua obra a criança torna-se autora do seu próprio discurso, agindo, errando, acertando, caminha sem a imposição de limites nem fronteiras, procurando conhecer a si e ao outro.

Paralelamente, a outras leituras das obras de Lygia Bojunga, só nos cabe aqui *revalorizar*, tudo o que já foi dito sobre a autora. Esta enriquece seus textos literários com expressões livres de regras, rompendo com os padrões estéticos, sua linguagem é única e marcante. A criança ocupa uma posição privilegiada em sua obra, torna-se um sujeito emissor de outro sujeito receptor, ou seja, a própria criança. Por ser uma obra aberta, em que a autora não tem pretensão de ditar normas ou regras, possibilitará ao leitor um leque de leituras múltiplas.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças.* São Paulo: Summus, 1983.

_____ *Literatura infantil gostosuras e bobices.* São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

BOJUNGA, Lygia. *Um encontro com Lygia Bojunga.* 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

_____ *A bolsa amarela.* 32. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

_____ *A casa da madrinha.* 18 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

_____ *Corde bamba.* 21. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

_____ *O sofá estampado.* José. 28. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2001.

_____ *Seis vezes Lucas.* 3.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

_____ *Tchau.* 18.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura in: Vários escrito.* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto.* São Paulo: Ed. Gente, 2001.

COELHO, Nelly Novais. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882/1982.* São Paulo: Quirón, 1983.

CUNHA, Marcus Vinícios. *Psicologia da educação*. Rio de Janeiro: DPLA, 2000.

DINORAH, Maria. *O livro infantil e a formação do leitor*. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FREITAS, Marcos c.(org). *História social da infância no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa & Zilberman, Regina. *Literatura infantil: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

O que é literatura. Brasiliense São Paulo, 1982.

LACOMBE, Amélia. *Lygia Bojunga: Coleção conhecendo nossos clássicos*. São Paulo: Agir, 2001

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Vera e Nádia Barros, orgs. *Avaliação psicopedagógica da criança de 0 a 6 anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PALO, Maria José e Oliveira, Maria Rosa. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 2001.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky. uma perspectiva histórico cultural da educação*. 11.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANDRONI, Laura. *De Lobato à Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SALTINE, Cláudio. *Afetividade & inteligência: a emoção na educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. Vol I

ZILBERMAN, Regina e Magalhães, Lígia c. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. Ática São Paulo, 1982.

A literatura infantil na escola. Global 2.ed. São Paulo, 1982.